

# ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO DA ASSISTÊNCIA FARMACÊUTICA

*Boletins*

## TDAH E METILFENIDATO - USO E ABUSO

---

Evani Leite de Freitas, Sabrina Calil Elias e Elaine Silva Miranda



Novembro, 2020.

## **Apresentação**

O uso racional de medicamentos (URM) é um conceito amplo, abarcando etapas como a prescrição do medicamento mais adequado a uma condição de saúde, a disponibilidade oportuna do tratamento necessário e o consumo nas doses indicadas, nos intervalos definidos e pelo período de tempo adequado (BRASIL, 1998). A partir desse conceito, o uso inapropriado de medicamentos pode ser exemplificado nas situações em que ocorre o uso além da necessidade do paciente, prescrição fora das recomendações mais atualizadas ou sem evidências científicas suficientes e ainda a automedicação (OMS, 2011).

Uma das barreiras ao uso racional é o fenômeno denominado farmacêuticalização, que se relaciona à medicalização da vida. A farmacêuticalização pode ser definida como a transformação das condições humanas, recursos e capacidades em oportunidades de intervenção farmacêutica. O uso crescente de medicamentos é uma evidência deste processo, que vai além dos domínios dos medicamentos prescritos, englobando o uso de medicamentos para melhora da performance sexual, do desempenho cognitivo e do estilo de vida em geral (BRASIL, 2019; ESHER & COUTINHO, 2017).

Recentemente, o tema dos melhoradores de desempenho cognitivo ganhou novamente as manchetes com o lançamento do documentário “Take your Pills”, na plataforma de streaming Netflix. O documentário aborda o uso indiscriminado de medicamentos como sais de anfetamina e metilfenidato por pessoas que não têm qualquer diagnóstico médico que justificaria o uso destas substâncias, como o déficit de atenção/ hiperatividade (TDAH), com o objetivo de melhorar seu desempenho cognitivo.

## **Os usos do metilfenidato - TDAH e outros contextos**

O TDAH é uma das doenças psiquiátricas mais comumente diagnosticadas na infância; o quadro sintomatológico pode incluir hiperatividade, impulsividade, dificuldade de concentração, e pode variar nas diferentes subpopulações etárias, incluindo maior risco de ansiedade e depressão. Em adolescentes e adultos podem estar presentes em maior frequência do que no restante da população transtornos

alimentares, abuso de substâncias e transtorno bipolar e de personalidade. É, portanto, um quadro que, diagnosticado de forma correta, deve ser prontamente abordado, a fim de tornar o tratamento mais bem-sucedido e evitar desfechos indesejados (WOLRAICH *et al.*, 2019; DE SOUSA *et al.*, 2020).

O tratamento, por sua vez, é multimodal, associando-se o uso de medicamentos, especialmente estimulantes, a tratamentos comportamentais. É importante ressaltar que o TDAH não tem cura, porém o tratamento auxilia no controle dos sintomas e melhoria da qualidade de vida (WOLRAICH *et al.*, 2019).

O metilfenidato é o psicoestimulante mais prescrito para o tratamento dessa condição em crianças e adolescentes. As marcas atualmente comercializadas no Brasil são Ritalina®, Concerta® e Tedeaga®, havendo já versões genéricas disponíveis. A lisdexanfetamina é o outro psicoestimulante disponível no país para o tratamento do transtorno, comercializado sob o nome de Venvanse® ( ).

Assim como qualquer medicamento, o uso do metilfenidato traz consigo riscos de efeitos adversos, que incluem:

- Distúrbios do sono;
- Redução do apetite;
- Alterações de humor;
- Aumento da pressão arterial ou alteração da função cardíaca;
- Ocorrência de crises convulsivas;
- Sintomas ansiosos e/ou psicóticos.

Esses efeitos são menos comuns nas doses terapêuticas e devem ser devidamente gerenciados pelos prescritores e demais profissionais envolvidos no acompanhamento terapêutico, com a participação ativa dos pacientes e seus responsáveis, quanto seja possível. A ocorrência desses eventos pode acarretar em alteração da posologia, da apresentação do medicamento, ou em mudança do esquema medicamentoso (DE SOUSA *et al.*, 2020).

Em busca de melhora do desempenho cognitivo ou seus efeitos estimulantes para fins recreativos, cresce o uso inapropriado do metilfenidato por indivíduos sem o transtorno. Nesse contexto do uso inapropriado da substância, a fim de alcançar os

efeitos desejados, as doses são geralmente mais altas do que as terapêuticas, assim como o modo de utilização pode estar modificado na tentativa de rápida obtenção desses efeitos. Estas condutas aumentam a possibilidade de ocorrência dos efeitos adversos e da adicção (AACAP, 2013).

Desta forma, é importante a educação em saúde sobre o uso das “smart drug” ou drogas da inteligência, de forma a conscientizar a população, especificamente de adolescentes e jovens adultos sobre os riscos dessa prática. Além do potencial de promover desfechos negativos, não há evidências claras sobre a melhora do desempenho cognitivo com o uso dessa substância por indivíduos saudáveis (FREESE et al, 2012).

Quando usados por seus efeitos estimulantes, há ainda o risco de uso com outras substâncias, como álcool e substâncias ilícitas, como cocaína, elevando muito mais a possibilidade de ocorrência de efeitos adversos. Muitos usuários fazem uso do álcool de forma a diminuir a percepção dos efeitos estimulantes indesejados e criar uma sensação menos desagradável durante a ação do metilfenidato. Porém, estes efeitos ainda continuam ocorrendo, e o risco de overdose aumenta, com ocorrência de hipertermia, arritmias e convulsões (FREESE et al, 2012; NIH/NIDA, 2018).

Portanto, o acompanhamento dos pais dos pacientes, professores e demais envolvidos é importante não só para acompanhar a efetividade do tratamento, ocorrência de efeitos adversos, mas também indícios de desvio da substância para uso de amigos e familiares, ou mesmo uso inadequado pelos próprios pacientes - menos comum. A recomendação é de que o medicamento seja preferencialmente administrado pelos pais ou responsáveis em casa, até que o adolescente seja considerado apto, além do cuidado sobre o correto armazenamento, evitando livre acesso ao medicamento (AACAP, 2013; WOLRAICH et al., 2019).

Reforça-se a importância da educação em saúde, sobre o uso racional da substância e os riscos envolvidos nos demais contextos.

## Referências Bibliográficas

AACAP. American Academy of Child and Adolescent Psychiatry. AACAP Pediatric Psychopharmacology Initiative. ADHD Parents Medication Guide. 2013.

BRASIL. Portaria GM/MS nº 3.916, de 30 de outubro de 1998. Aprova a Política Nacional de Medicamentos. Diário Oficial da União, n. 215-E, p. 18-22, 10 nov. 1998. Seção 1.

BRASIL. Ministério da Saúde. Comitê Nacional para Promoção do Uso Racional de Medicamentos. Uso de Medicamentos e Medicalização da Vida: recomendações e estratégias. Brasília-DF, 2019.

ESHER, Angela; COUTINHO, Tiago. Uso racional de medicamentos, pharmaceuticalização e usos do metilfenidato. Ciên. saúde coletiva [online], v.22, n.8, 2017.

FREESE, Luana et al. Uso não terapêutico do metilfenidato: uma revisão. Trends Psychiatry Psychother. vol.34 no.2 Porto Alegre 2012.

DE SOUSA, Anthony de Freitas et al. Attention deficit hyperactivity disorder. In: Rey JM & Martin A (eds), JM Rey's IACAPAP e-Textbook of Child and Adolescent Mental Health. Geneva: International Association for Child and Adolescent Psychiatry and Allied Professions 2020.

NIH/ NIDA - National Institutes of Health/ National Institute on Drug Abuse. Prescription Stimulants DrugFacts. Disponível em: <https://www.drugabuse.gov/publications/drugfacts/prescription-stimulants>. Acesso em 05 nov. 2020. Atualização em jun, 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Introduction*. In: The World Medicines Situation Report. Disponível em: [https://www.who.int/medicines/areas/policy/world\\_medicines\\_situation/wms\\_intro/en/](https://www.who.int/medicines/areas/policy/world_medicines_situation/wms_intro/en/). Acesso em 05/11/2020. Suíça, 2011.

WOLRAICH, Mark L. et al. Clinical Practice Guideline for the Diagnosis, Evaluation, and Treatment of Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder in Children and Adolescents. *Pediatrics*. 144 (4) e20192528. Oct. 2019.